

## DINÂMICA ESPACIAL DA INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA: A DIFUSÃO RETICULAR DAS CORPORações POLICARD E VALECARD

**Fernando Fernandes de Oliveira**

Mestre em Geografia pelo PPGeo-UFU  
Professor do IFMT, campus Pontes e Lacerda  
[ffernandes\\_10@hotmail.com](mailto:ffernandes_10@hotmail.com)

**Geisa Daise Gumiero Cleps**

Doutora em Geografia do IG-UFU  
Professora do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia da UFU  
[gdgumiero@ig.ufu.br](mailto:gdgumiero@ig.ufu.br)

### RESUMO

O presente texto analisa a dimensão espacial reticular de duas operadoras de cartões eletrônicos de pagamento - Policard e Valecard, cujos capitais são uberlandenses, no sentido de evidenciar como essas organizam, por meio das localizações (nós da rede) e das interações resultantes, o seu espaço de atuação a partir de suas horizontalidades e verticalidades, resgatando a difusão espacial das referidas corporações. Para tanto, a busca por informações ocorreu mediante pesquisas nos sítios e nas sedes das corporações Policard e Valecard, além da consulta direta aos demais agentes econômicos envolvidos, no esforço de se tornar inteligível as práticas de gestão territorial das mencionadas empresas.

**Palavras-chave:** Policard; Valecard; Corporação multilocalizada; Redes; Horizontalidades; Verticalidades.

### SPATIAL DYNAMICS OF THE FINANCIAL INTERMEDIATION: THE RETICULAR DIFFUSION OF THE POLICARD AND VALECARD CORPORATIONS

### ABSTRACT

This paper analyzes the reticular spatial dynamics of two electronic payment cards operators - Policard and Valecard - whose capitals are from Uberlândia, in order to evidence how they organize, through the locations (network nodes) and through the resulting interactions, their performance space from their horizontalities and verticalities, rescuing the spatial diffusion of these corporations. Therefore, the search for information was through research on the sites and headquarters of Policard Valecard and corporations, as well as direct consultation with the other economic agents involved in the effort to make intelligible the land management practices of listed companies.

**Keywords:** Policard; Valecard; Multi located corporation; Networks; Horizontalities; Verticalities.

## INTRODUÇÃO

Os fluxos que animam o espaço resultam da complexa teia das interações espaciais, aprofundadas e veementemente dinamizadas pelas inovações tecnológicas geradas no âmbito das complexas redes técnicas em que se baseia o processo de globalização vigente. Estas são alvo de constante requalificação no ímpeto voraz de ainda mais fluidez, num processo dialético que representa, ao mesmo tempo, causa, condição e resultado, conforme exposto por Santos (1996). Nessa óptica, para a reestruturação técnico-científica-informacional da sociedade, destaca-se o amplo processo de construção e reconstrução de arranjos espaciais, caracterizados por transformações nos sistemas de objetos e ações, assim como pela interseção entre horizontalidades e verticalidades, expressando a natureza complexa dos fluxos capazes de articularem diferentes contextos regionais sob demandas previamente orientadas.

A essa dinâmica destaca-se, sobremaneira, o papel desempenhado pelas corporações multilocalizadas, pela sua capacidade de exercer notória influência ante a reorganização do espaço geográfico. A partir da articulação de suas múltiplas localizações, a corporação multifuncional e multilocalizada constitui agente fundamental à gestão do território, exercendo poderoso e decisivo controle sobre a dinâmica da organização espacial. Ao envolver uma demanda crescente por multilocalização de suas escalas geográficas de atuação, a corporação multilocalizada constitui ator sequioso por velocidade e instantaneidade. Daí deriva as exigências de que o espaço seja dotado de uma nova funcionalidade e operacionalidade, sobretudo, a partir dos investimentos em transporte, geração e transmissão de energia nas telecomunicações (SILVA, 2003), de modo a viabilizar a implantação das redes promotoras das interações espaciais e, conseqüentemente, a função necessária aos caminhos da acumulação ampliada do capital.

A natureza peculiar da trama espacial de corporações multilocalizadas e a constante necessidade de integração espacial de suas áreas de atuação pode ser compreendida como o esforço que busca alcançar o máximo proveito do espaço e das estruturas técnicas disponibilizadas, um movimento, que para Silva (1997), é capaz de aprofundar e de condicionar as desigualdades socioespaciais. No contexto da abordagem geográfica acerca da multilocalização de empresas é que se estabelece a problemática de investigação do presente texto: o resgate da dimensão espacial reticular das corporações Policard e Valecard, duas administradoras de meios eletrônicos de pagamento oriundas do capital local sediado em Uberlândia-MG. Para tanto, privilegiaram-se os recortes espaciais horizontalidades e verticalidades (SANTOS, 1996), associados ao modelo espacial de crescimento de uma corporação proposto por Hakanson (1979).

Buscou-se, portanto, evidenciar como as mencionadas administradoras de cartões de eletrônicos de pagamento organizam, por meio das localizações e interações, o seu espaço de atuação, a sua atuação horizontal, a sua expansão vertical e de sua estruturação em rede, nos esforços de se contribuir no estudo da Geografia de Corporações. Trata-se, sobretudo, da análise das espacialidades das referidas corporações financeiras, do mapeamento de seus pontos de presença, da análise de suas práticas de gestão territorial e do ordenamento de seus fluxos e interações espaciais, salientando a importância da cidade de Uberlândia como um centro privilegiado do comando e da gestão de amplo espaço.

## **CORPORAÇÃO, ESPAÇO E RECORTES DE INTERPRETAÇÃO: HORIZONTALIDADES, VERTICALIDADES E O MODELO ESPACIAL DE HAKANSON**

No atual contexto da organização espacial do sistema capitalista, as corporações multifuncionais e multilocalizadas aparecem como atores privilegiados, responsáveis por uma ampla reestruturação do espaço geográfico e da ordem preexistente no início de suas atividades, sendo capazes de exercer notório controle sobre vasto território, cujas atividades mantêm-se intimamente vinculadas ao estabelecimento, no espaço, de uma racionalidade capitalista, que busca a valorização, a ampliação e a reprodução de suas unidades e condições produtivas. Nessa condição, é preciso entender como se organizam e se reorganizaram os antigos atores e como entraram em cena os novos atores, particularmente, aqueles associados às corporações, sejam estas oriundas dos capitais locais, ou provenientes dos capitais nacionais ou globais, e a sua notável importância nas reconfigurações espaciais, como resultado de suas práticas sociopolíticas e de suas complexas espacialidades.

Ante essa realidade, a grande corporação passou a constituir, no período pós Segunda Guerra Mundial, “[...] o mais importante agente da reorganização espacial capitalista [...]”, (CORRÊA,

1991, p. 137). As suas práticas traduzem-se em múltiplas escalas, no estabelecimento de divisões territoriais do trabalho, capazes de determinar o surgimento de complexas espacialidades e territorialidades, que resultam da “[...] crescente multifuncionalidade e multilocalização das escalas geográficas de operações [...]” (SILVA, 2003, p. 13), sendo responsáveis por significativas transformações no espaço geográfico. A corporação, ao estabelecer as suas espacialidades, torna-se agente promotor de um amplo processo de organização e de reorganização de arranjos espaciais, caracterizados pela justaposição entre horizontalidades e verticalidades (SANTOS, 1996) e pela articulação de proeminentes interações espaciais (CORRÊA, 1997), expressando uma complexa trama espacial embasada por uma ordem reticular.

O caráter multilocalizado de uma corporação é resultado de processos que buscam a expansão territorial de suas atividades, práticas que denotam uma divisão socioespacial do trabalho própria à estrutura interna da empresa e uma hierarquização dos lugares de atuação. Ante a constituição da geografia de corporações multilocalizadas, suas práticas, caminhos adotados e aos vários aspectos associados à sua dimensão espacial, procurou-se mensurar, dentro de perspectivas teórico-conceituais da Geografia, um conjunto de categorias e recortes de interpretação que subsidiassem a análise da difusão espacial das atividades de empresas marcadas pela expansão de seus horizontes espaciais.

A reestruturação técnico-científica-informacional da sociedade tornou-se imprescindível à dinâmica espacial da empresa multilocalizada. Essa nova realidade espacial traduz-se em amplos processos de construção e reconstrução de arranjos espaciais, caracterizados por transformações nos sistemas de objetos e ações que expressam a natureza complexa dos fluxos, em que a hierarquia entre os lugares se cumpre por meio de ordens técnicas, políticas e financeiras que garantam as condições de funcionamento e perpetuação do grande capital. Segundo Santos (1996, p. 226), “[...] a informação, sobretudo ao serviço das forças econômicas hegemônicas e ao serviço do Estado, é o grande regedor das ações que definem as novas realidades espaciais”.

Nessa condição, não é possível que a realidade espacial se constitua apenas por meio de estruturas formadas por pontos ininterruptos que se encontrem inseparáveis, existindo, “[...] por sobre essas manchas, constelações de pontos descontínuos, mas interligados, que definem um espaço de fluxos reguladores” (SANTOS, 1996, p. 225). Horizontalidades são superfícies formadas por pontos contínuos, “[...] o *locus* de uma cooperação mais limitada [...]” (SANTOS, 1996, p. 225). Verticalidades são pontos, que embora separados fisicamente uns dos outros, são capazes de assegurar de forma hierárquica, ante a solicitação dos atores proeminentes da economia, com destaque a corporação multifuncional e multilocalizada, uma lógica organizacional do espaço em nível nacional e global, obtida por novas formas de solidariedade, tecidas mediante a circulação, o intercâmbio, o controle e o poder, orientados por uma ordem reticular.

As horizontalidades, em sua extensão imediata, o lugar com suas vivências e práticas, representam os espaços de domínio da produção localizada e contígua, de intrínseca relação entre tempos, atores e atividades, fruto do estabelecimento, em um espaço comum, de uma solidariedade orgânica marcada pela coexistência de múltiplos agentes e processos, em que “[...] tais atividades, não importa o nível, devem sua criação e alimentação às ofertas do meio geográfico local” (SANTOS, 2000, p. 109).

Assim, as solidariedades características das horizontalidades resultam de sua natureza geográfica, social, cultural e econômica que, para Santos (2000), não derivam, necessariamente, de pactos formais ou políticas abertamente orientados, sendo a sua existência assegurada pelo estabelecimento de contraracionalidades, ou

[...] formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantém nesse território a despeito da vontade de unificação e homogeneização, características da racionalidade hegemônica típicas das verticalidades [...] (SANTOS, 2000, p. 110).

As verticalidades são ordenadas pela busca incessante da instituição de pontos adequados à multiplicação das áreas de atuação das grandes empresas multifacetadas e multilocalizadas, vistas como “atores do tempo rápido” e responsáveis por amplos processos de requalificação do espaço geográfico. Tal reestruturação espacial não prescinde do estabelecimento de uma hierarquia de fluxos orientados por redes, que acabam por impor ao lugar uma ordem estranha

que obedece a solicitações e demandas distantes. Nessa óptica, interdependências entre os lugares são estabelecidas num movimento hierárquico que denota uma administração, um império orquestrado por forças dominantes que buscam uma união vertical entre os lugares sob o comando das *macroempresas*, responsáveis pela instauração, no território, desse “[...] conjunto de pontos adequados às tarefas produtivas hegemônicas, características das atividades econômicas que comandam este período histórico”, segundo Santos (2000, p. 106).

Admite-se, portanto, a relevância dos mencionados recortes espaciais para a análise da gênese, estruturação e histórico espaciais de uma corporação, ante a possibilidade de abordar os seus momentos de horizontalidades, buscando a importância das relações tecidas no seu espaço de contiguidade no início das suas atividades, os nexos e as associações com outros atores imediatos que denotam o estabelecimento de uma solidariedade orgânica. Mediante a ampliação das atividades, dos mercados e das espacialidades da empresa, que se tornam mais complexas e passam a ser ordenadas por múltiplas relações, observa-se o estabelecimento das verticalidades, momento em que a corporação multilocalizada imprime a outras realidades espaciais a sua lógica particularista de acumulação, subordinação e demanda das estruturas técnicas indispensáveis à reprodução e acumulação de capitais.

Silva (1997), ao privilegiar as categorias rede, gestão do território e difusão espacial perante o estabelecimento das espacialidades de uma corporação, e no intuito de articular tais categorias, baseia-se no modelo de crescimento postulado por Hakanson (1979), considerando algumas estratégias intrínsecas à corporação ante a constituição de suas espacialidades: penetração de seus produtos e serviços no mercado imediato (estabelecimento horizontal); desenvolvimento de novos produtos e serviços (multifuncionalização); busca por novos mercados (expansão vertical); e diversificação de seus serviços e produção aliada aos novos mercados (associação da multifuncionalização às verticalidades), associando produto, desenvolvimento e expansão dos mercados de atuação, o que implica múltiplas funções e espacialidades.

A corporação, no início de suas atividades e do seu surgimento para o mercado, estabelece vínculos notadamente estreitos no seu espaço de contiguidade, formado por extensões contínuas, marcadas por relações imbricadas, que caracterizam as suas horizontalidades, espaços “[...] que sustentam e explicam um conjunto de produções localizadas, interdependentes, dentro de uma área cujas características constituem, também, um fator de produção [...]” (SANTOS, 2000, p. 109).

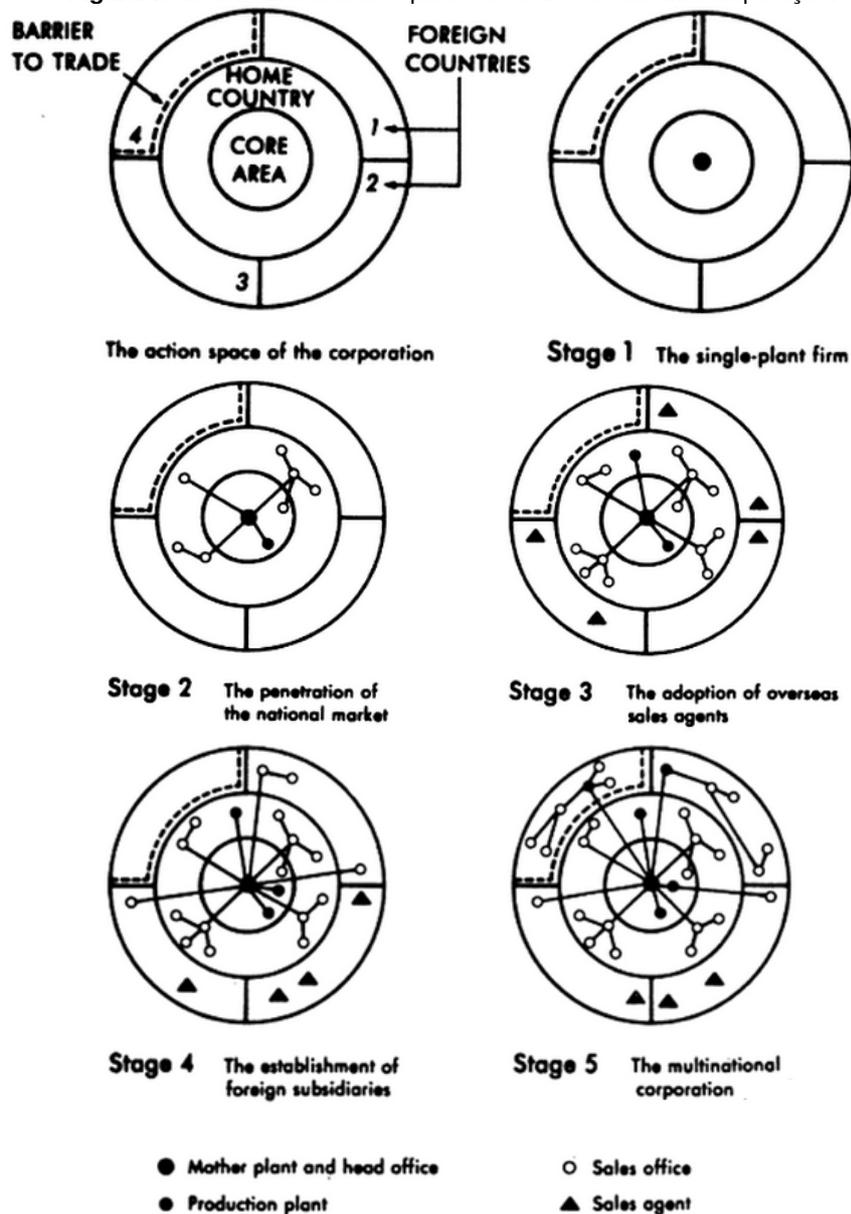
No estágio I das estratégias postuladas por Hakanson (FIGURA 1), observa-se a concentração horizontal das atividades da empresa, que procura explorar todas as possibilidades verificadas nesse espaço da horizontalidade. No estágio II, a corporação passa a investir em outras áreas, inserindo, gradualmente, as suas atividades no circuito regional à sua core-área, cujo estabelecimento desse novo arranjo espacial passa a ser controlado por meio de sua sede primordial e por escritórios regionais, além da posterior instalação de unidades produtivas que se encontrem além dos seus espaços da horizontalidade, expansão que constitui um primeiro momento no desenho das verticalidades. Para Silva (1997, p. 15), essa expansão geográfica “[...] deriva da busca ampliada de lucros face às baixas taxas de crescimento verificadas no mercado local”, restrição à acumulação do capital, que também pode ser o fator decisivo à configuração do estágio III, em que os investimentos realizados se consolidam em lugares distantes ainda no circuito nacional.

A partir desse momento, em direção aos estágios subsequentes, verifica-se a condição de multifuncionalidade e multilocalização em sua máxima expressão, em que a corporação associa a diversificação de produtos e serviços à constituição de novos mercados distantes, correspondendo à configuração de um conjunto de ações verticais que muitas vezes ultrapassam as fronteiras nacionais. Nota-se, nessa estrutura de crescimento de uma corporação assinalada, a “[...] sequência histórico-espacial dos eventos na determinação da estrutura da corporação e, por conseguinte, de suas espacialidades [...]” (SILVA, 1997, p. 15), no tocante ao estabelecimento dessas múltiplas espacialidades associadas à diversificação do produto e das atividades da empresa.

Busca-se, nessa condição, sob a óptica da estruturação das horizontalidades e verticalidades das corporações multilocalizadas e de suas práticas de gestão territorial, a análise da manifestação espacial concreta inerente aos seus processos de difusão espacial. As suas práticas, demandas e solicitações fundamentam a configuração de uma organização reticular entre os lugares

capazes de articular espaços longínquos sob a mesma pauta de gestão territorial, cuja estrutura em rede permite à corporação possibilidades de integração funcional e espacial. Assim, o presente texto busca tornar inteligíveis os arranjos espaciais oriundos dos processos de difusão espacial das corporações financeiras Policard e Valecard, sediadas em Uberlândia-MG, a partir do mapeamento de suas ações e áreas de atuação e da elucidação de suas práticas de gestão territorial e estratégias espaciais, que consubstanciaram o processo de difusão.

Figura 1. Modelo de Hakanson para o crescimento de uma corporação.



Fonte: HAKANSON (1979) *apud* SMIDT e WEVER (1990, p. 123).

### HORIZONTALIDADES DAS CORPORAÇÕES VALECARD E POLICARD

Ante ao processo de financeirização do território e da própria sociedade, marcado pela adição de novas formas de consumo e de múltiplas possibilidades nos serviços financeiros, assinalam-se o desenvolvimento de novas associações e modalidades vinculadas ao setor financeiro, que, em última análise, correspondem às práticas de diversificação do setor na busca de diferenciação das formas e dos caminhos que levam à acumulação do capital e à massificação do consumo. Dentre o leque de possibilidades elencadas pelos meios eletrônicos de pagamento, ressaltam-se, aqui, os cartões de benefício, um mercado em franca expansão no país. Esse filão é caracterizado por empresas administradoras de meios eletrônicos de

pagamento, que firmam convênios com empresas dos mais variados segmentos para a disponibilização de benefícios ao trabalhador que descaracterizam ganhos salariais, tributados e onerados pelas leis trabalhistas.

No segmento dos cartões benefício, distinguem-se duas corporações oriundas dos capitais locais sediados em Uberlândia, as operadoras de meios eletrônicos de pagamento Policard e Valecard. As referidas empresas administram um sistema de convênio, pelo qual os funcionários de uma determinada empresa conveniada, chamada de empresa cliente ou empresa parceira, têm acesso a bens e serviços de uma rede de estabelecimentos do comércio varejista e de prestadores de serviços credenciados a receber por meio de cartões eletrônicos, que operam a função de débito, com características de cartões de benefício. Considera-se ainda, no leque de serviços prestados pela Policard e pela Valecard, uma série de possibilidades destinadas à melhor gestão e organização dos gastos internos de empresas parceiras, com base na utilização dos cartões eletrônicos de pagamento emitidos pelas referidas corporações financeiras (OLIVEIRA, 2013).

A Valecard iniciou suas operações em dezembro de 1997, quando disponibilizou cerca de 1.600 cartões de pagamento, que atendiam os funcionários das empresas Refrigerantes do Triângulo, Pneus Uberlândia, Guaraná Mineiro, Sindicato Rural de Uberlândia, dentre outras (BESSA, 2007). O ano de 1995 representou o início das atividades da Policard, quando da disponibilização de 2000 cartões voltados ao atendimento dos trabalhadores das empresas do Grupo Algar, sediado em Uberlândia.

No âmbito da presente pesquisa, é possível considerar esse primeiro momento do estabelecimento das espacialidades das referidas corporações, como a organização de suas horizontalidades, o arranjo inicial do processo de difusão espacial de suas áreas de atuação e o ponto da configuração das solidariedades do tipo orgânica, imprescindíveis à afirmação econômica das corporações assinaladas. A gênese das atividades de Policard e de Valecard se estabeleceu em Uberlândia, a cidade sede e o centro do comando de suas espacialidades, tendo como base de suas operações as empresas locais, inicialmente, foco para os primeiros convênios, além do próprio setor terciário da cidade, que constituíram os fixos comerciais, que primeiramente, foram credenciados à rede da mencionada corporação. Num movimento similar de expansão, as corporações ampliaram sua área de atuação aos limites regionais do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e também ao sul do estado de Goiás. Configurou-se, assim, o recorte espacial correspondente às horizontalidades das corporações Policard e Valecard.

Mormente, cumpre registrar a capilaridade das referidas corporações financeiras sobre o tecido urbano de Uberlândia, a partir da aferição de sua rede credenciada pulverizada pela cidade. A espacialização da imbricada rede de credenciamento constituída por Valecard e Policard em Uberlândia representa a constituição de seu espaço adjacente, caracterizado pelo estabelecimento de uma cooperação imediata com as empresas parceiras e os fixos comerciais credenciados a receber os seus cartões eletrônicos de pagamento. Demonstra-se, assim, a importância das múltiplas associações com demais agentes econômicos instalados no lugar na gênese e no fortalecimento das atividades das mencionadas corporações financeiras.

Conforme pesquisa realizada junto ao sítio da Valecard, em 2013, a rede credenciada apta a receber os cartões eletrônicos da referida corporação era de, aproximadamente, 850 fixos comerciais e de serviços (FIGURA 2).

De acordo com pesquisa direta, no mencionado ano, a Valecard administrava um total de 125.930 cartões ativos em Uberlândia, valores que indicam a pujança das operações de crédito ordenadas por esta corporação. Para a Policard, em 2013, foram reconhecidos aproximadamente 2.100 fixos comerciais credenciados (FIGURA 3), prontos a receber cerca de 70.000 cartões eletrônicos de pagamento que circulam pela cidade (PESQUISA DIRETA, 2013). Os números de credenciamento de Policard e Valecard demonstram uma densa hipercapilaridade financeira (CONTEL, 2009), constituída na cidade sede.

Nota-se, ainda, o estabelecimento de circuitos de cooperação entre os fixos varejistas, as empresas conveniadas e os serviços financeiros prestados pelas mencionadas corporações, no tocante às atividades de credenciamento dos estabelecimentos comerciais e à disponibilização dos cartões eletrônicos para empresas parceiras. Ainda no que se refere à estruturação das horizontalidades de Valecard e Policard, observa-se a expansão de sua área de atuação ao contexto regional da cidade sede rumo aos centros urbanos próximos, espacialidade que corresponde aos limites da Mesorregião do Triângulo Mineiro-Alto Paranaíba, que, conforme pesquisa direta representa os primeiros passos rumo à configuração das suas verticalidades.

**Figura 2.** Uberlândia: hipercapilaridade da rede credenciada pela Valecard, 2013.

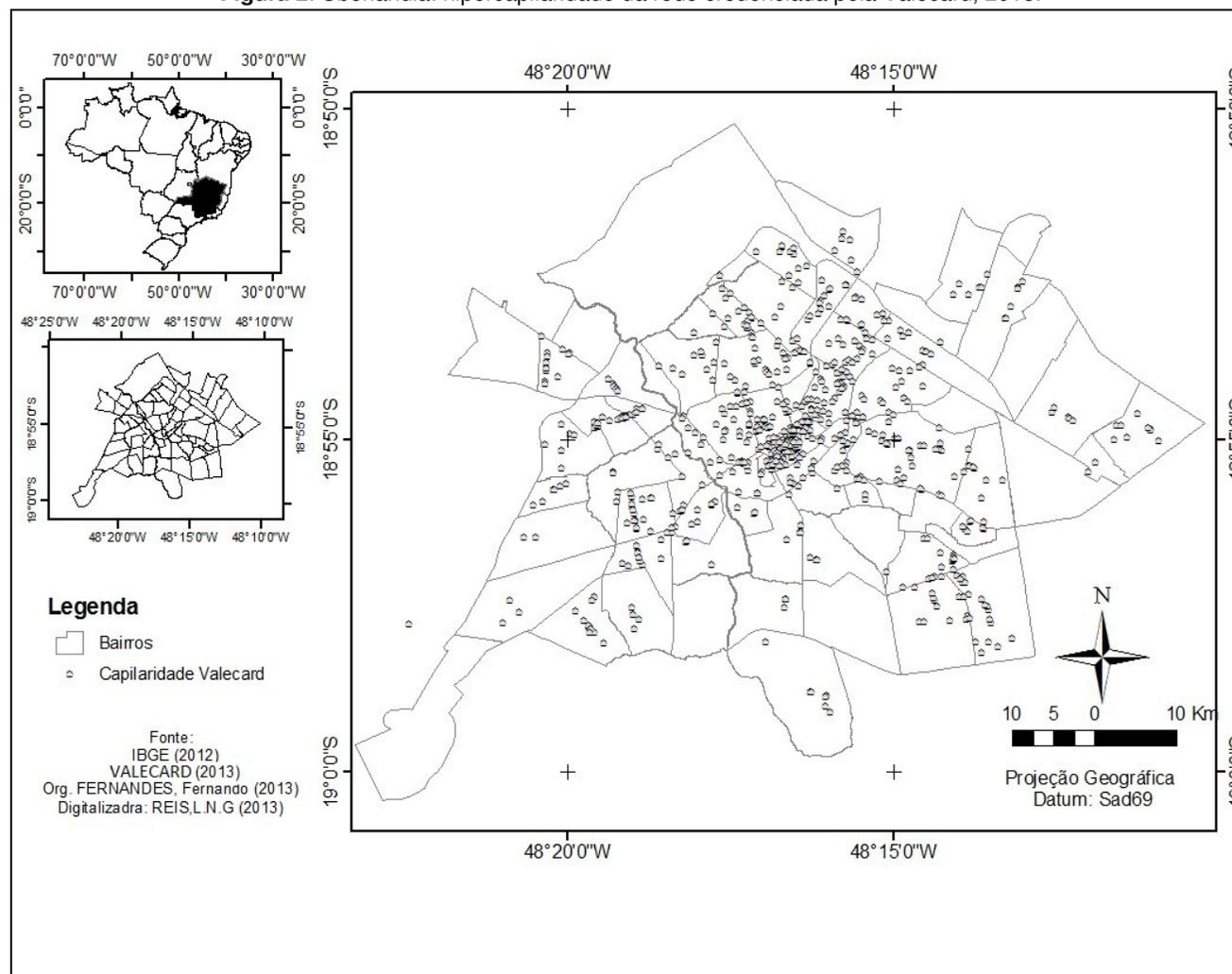
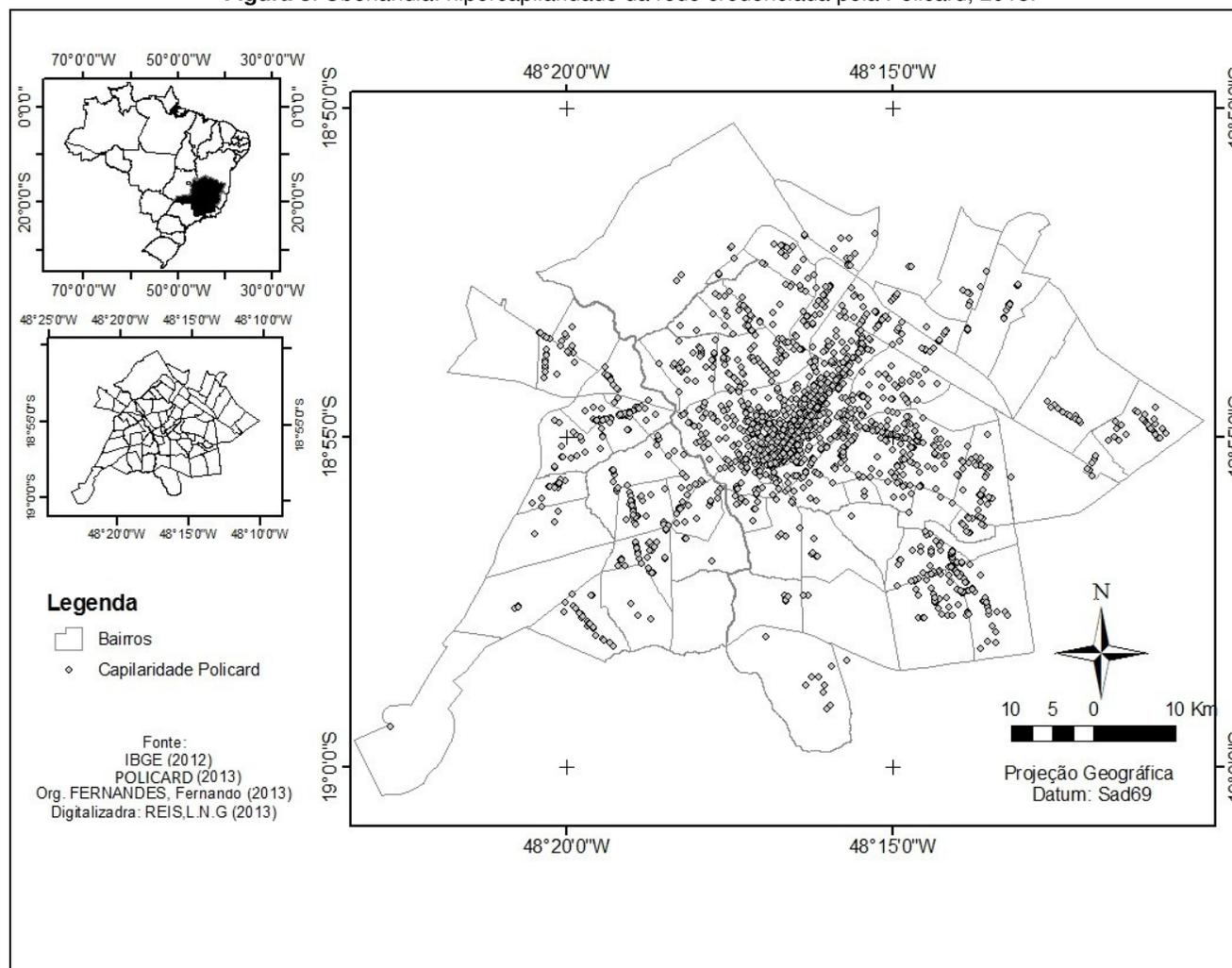


Figura 3. Uberlândia: hipercapilaridade da rede credenciada pela Policard, 2013.



Na estrutura horizontal de Policard e Valecard, é flagrante a pulverização de sua rede credenciada pela Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (TABELAS 1 e 2), com significativa atividade de credenciamento em alguns pequenos municípios da mencionada mesorregião. Embora não tenham sido disponibilizados dados sobre a localização de empresas parceiras, verifica-se, mesmo em cidades de pequeno contingente populacional e de reduzida modernização do setor terciário, a significativa ocorrência de estabelecimentos credenciados. Atesta-se, portanto, a circulação de cartões disponibilizados por empresas ou órgãos públicos que se associam ao circuito de cooperação ordenado pelas mencionadas corporações financeiras.

**Tabela 1.** Policard: rede credenciada por município da Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - acima de 20 estabelecimentos, 2013

Cidade	Total de Estabelecimentos Credenciados
Uberlândia	2200
Uberaba	390
Frutal	314
Ituiutaba	205
Patos de Minas	129
Araxá	116
Patrocínio	104
Iturama	89
Araguari	86
Nova Ponte	60
Monte Alegre de Minas	53
Sacramento	53
Campina Verde	45
Araporã	42
Monte Carmelo	38
Prata	33
Conceição das Alagoas	33
Centralina	33
Tupaciguara	31
São Gotardo	26
Pirajuba	25
Coromandel	24
Tapira	22
Ibiá	20

Fonte: POLICARD, 2013. Org. OLIVEIRA, 2013.

**Tabela 2.** Valecard: rede credenciada por município da Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - acima de 20 estabelecimentos, 2013

Cidade	Total de estabelecimentos credenciados
Uberlândia	850
Patos de Minas	404
Uberaba	381
Araxá	108
Ituiutaba	83
Araguari	79
Patrocínio	46
Prata	46
Conceição das Alagoas	46
Frutal	26
Delta	21

Fonte: VALECARD, 2013. Org.: OLIVEIRA, 2013.

Nesse contexto, é possível delimitar o ordenamento das horizontalidades de Policard e Valecard, registrando a atuação das corporações por um espaço contínuo e contíguo, que agrupa diversos núcleos urbanos próximos ao centro de gestão das operações da empresa, que, para Santos (2012, p. 284) representam “[...] pontos no espaço que se agregam sem descontinuidade, como a noção tradicional de região”.

### VERTICALIDADES DAS CORPORações VALECARD E POLICARD

Para a constituição das verticalidades de uma corporação multilocalizada, observa-se o estabelecimento de solidariedades do tipo organizacional. Estes arranjos são caracterizados pelo ordenamento intrínseco à empresa sobre contextos regionais distantes e diferenciados quanto às suas características de coesão espacial. Tal comando, vindo de fora exercido por corporações multilocalizadas, remete à introdução, às conjunturas locais, de racionalidades distantes que, a partir de sua tendência à hierarquização dos lugares, se realizam por meio de um comando hegemônico

As verticalidades, nessa condição, retratam pontos descontínuos que, embora separados, mantém seus diversos fluxos conectados por meio das técnicas reticulares do atual período, condição fundamental ao funcionamento do sistema. Trata-se, nas palavras de Santos (2012, p. 285), de um processo de homogeneização que “[...] exige uma integração dependente, referida a um ponto do espaço, dentro ou fora do mesmo país”, cuja tendência é a desagregação das horizontalidades e suas solidariedades orgânicas.

Ante a ampliação dos horizontes geográficos de atuação da Valecard, é viável registrar um significativo crescimento, sobretudo a partir do estabelecimento de sucursais espalhadas pelo território nacional. Em 2007, a Valecard possuía 18 escritórios regionais, distribuídos por 11 estados brasileiros (BESSA, 2007). Em 2013, são 28 sucursais espalhadas por 15 estados da Federação mais o Distrito Federal, a saber: Amazonas, Pará, Tocantins, Piauí, Ceará, Pernambuco, Bahia, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul (QUADRO 1 e FIGURA 4), cuja matriz e centro do comando das operações encontra-se na cidade de Uberlândia. Atesta-se, nessa condição, a difusão espacial da Valecard a partir de uma trama reticular complexa que obedece a lógica de se agruparem à rede da empresa algumas localidades que possuam um privilegiado quadro à eficiência funcional e administrativa nas suas atividades de acumulação de capitais.

**Quadro 1.** Valecard: sucursais a partir da sede em Uberlândia, 2013

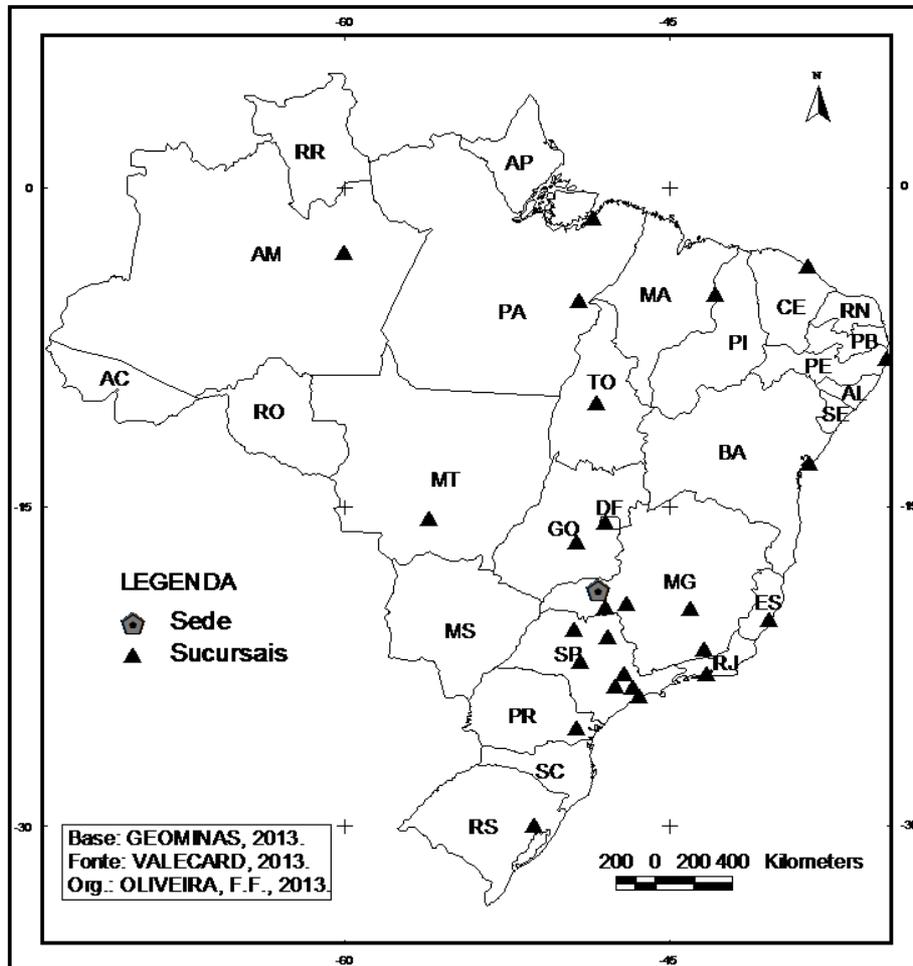
Uberlândia (Centro da Gestão do Território)	Região Norte	Manaus-AM, Belém-PA, Marabá-PA, Palmas-TO
	Região Nordeste	Terezina-PI, Fortaleza-CE, Recife-PE, Salvador-BA
	Região Sudeste	Uberaba-MG, Araxá-MG, Belo Horizonte-MG, Juiz de Fora-MG, Vitória-ES, Rio de Janeiro-RJ, São José do Rio Preto-SP, Ribeirão Preto-SP, Bauru-SP, Campinas-SP, Sorocaba-SP, São Paulo-SP, Santos-SP
	Região Sul	Curitiba-PR, Porto Alegre-RS

**Fonte:** VALECARD, 2013. **Org.:** OLIVEIRA, 2013.

No processo de difusão espacial arquitetado pela Policard, cuja base encontra-se na cidade de Uberlândia, o foco do comando e de suas horizontalidades, tem-se a constituição de suas verticalidades caracterizadas por espaços descontínuos que ratificam a ocorrência de um comando vindo de áreas longínquas, ligando pontos no espaço articulados pelas redes informacionais e hierarquizados por meio do ordenamento erigido pela referida corporação. No contexto da constituição das suas verticalidades, é possível atestar a ampliação das áreas de atuação da Policard pelo território nacional, que agregam 21 escritórios regionais espalhados por 14 estados da Federação mais o Distrito Federal: São Luís-MA, Salvador-BA, Recife-PE, Natal-RN, Aracaju-SE, Brasília-DF, Goiânia-GO, Itumbiara-GO, Cuiabá-MT, Campo Grande-MS, Belo Horizonte-MG, Juiz de Fora-MG, Rio de Janeiro-RJ, Bauru-SP, Lins-SP, Ribeirão Preto-SP, São Paulo-SP (FIGURA 5), distribuídas por quatro regiões do país (QUADRO 2).

Esse movimento denota a busca da Policard na inserção de suas atividades em realidades econômicas diferentes, como fruto das estratégias que visam ao direcionamento das decisões voltadas às particularidades de cada conjuntura como uma forma de se tirar o máximo proveito do espaço.

**Figura 4.** Valecard: verticalidades das sucursais a partir da sede em Uberlândia, 2013.



**Quadro 2.** Policard: escritórios regionais a partir da sede em Uberlândia, 2013

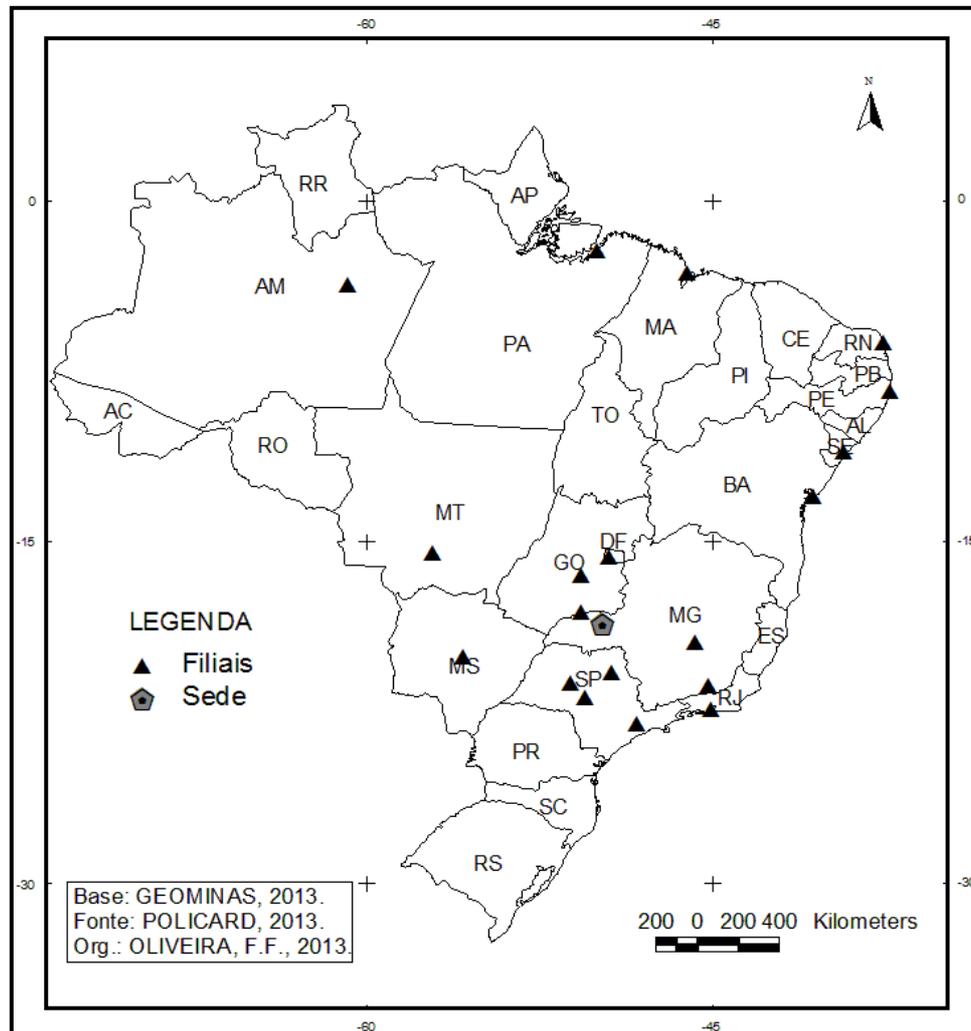
Uberlândia (Centro da Gestão do Território)	Região Norte	Manaus-AM, Belém-PA
	Região Nordeste	São Luís-MA, Salvador-BA, Recife-PE, Natal-RN, Aracaju- SE
	Região Centro-Oeste	Brasília-DF, Goiânia-GO, Itumbiara-GO, Cuiabá-MT, Campo Grande-MS
	Região Sudeste	Belo Horizonte-MG, Juiz de Fora-MG, Rio de Janeiro-RJ, Bauru-SP, Lins-SP, Ribeirão Preto-SP, São Paulo-SP

**Fonte:** POLICARD, 2013. **Org.:** OLIVEIRA, 2013.

É interessante notar, nessa perspectiva que rompe os limites regionais da cidade sede, a configuração de um padrão hierárquico entre as cidades no que tange ao processo de espacialização da corporação em vias de multilocalização de suas atividades, caracterizada pelo grau de importância de cada lugar no ciclo de reprodução de capitais erigido pela empresa, em perspectiva semelhante às contribuições de Chandler (1962) e Hymer (1978),

que constituem, segundo Santos e Silveira (2011, p. 292-293), um “[...] conjunto de pontos essenciais ao exercício de sua atividade, nos seus aspectos mais fortes”.

**Figura 5.** Policard: verticalidades das filiais a partir da sede em Uberlândia, 2013

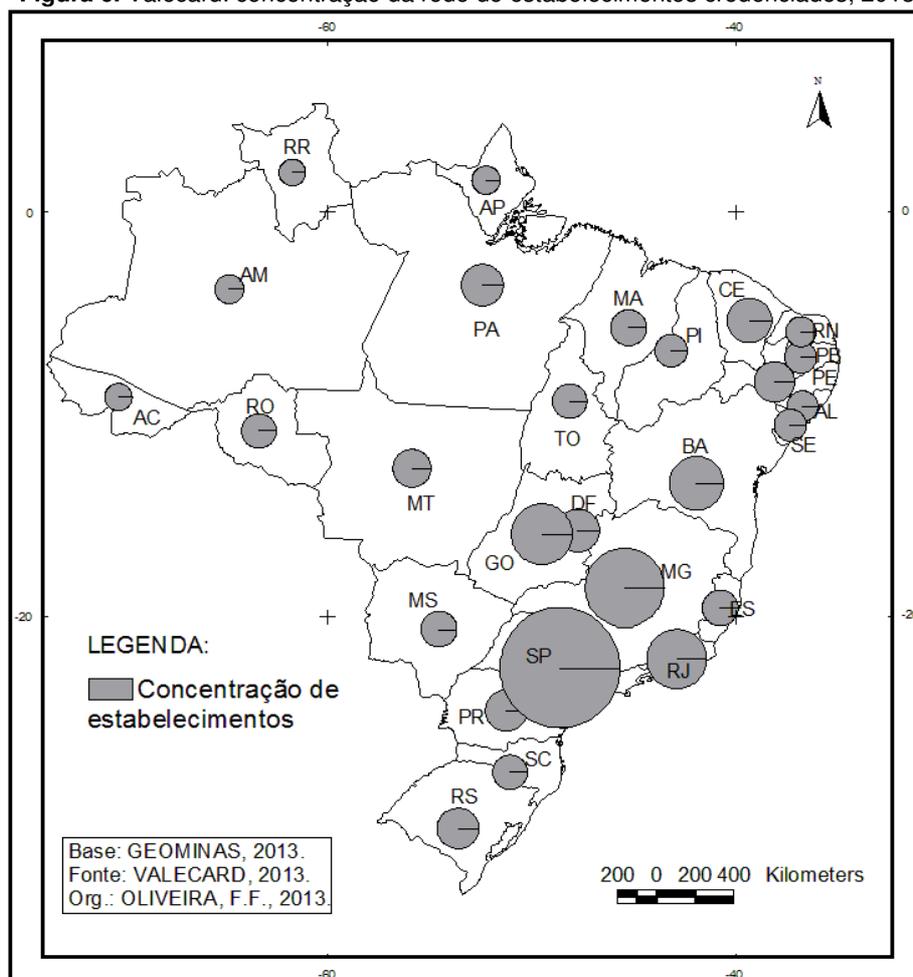


Cria-se, portanto, “[...] uma rede de localidades centrais caracterizada por uma hierarquia de lugares [...]” (CORRÊA, 1997, p. 290), que possui como elemento norteador o ordenamento territorial demandado pela corporação multilocalizada, que impõe aos lugares uma “[...] coesão organizacional baseada em racionalidades de origens distantes [...]” (SANTOS, 2012, p. 285), configurando assim a estrutura de suas verticalidades. Trata-se da difusão espacial das agências e filiais de Valecard e Policard como resposta à iminente necessidade de inserção de suas atividades de acumulação sobre contextos espaciais e econômicos diferenciados, na busca de ordenar estratégias direcionadas às particularidades de cada conjuntura.

No contexto do processo de difusão espacial, erigido por uma corporação promotora de fluxos e intermediação financeira a partir da marcante hierarquização de uma rede de centros urbanos, cumpre registrar o decisivo papel exercido pelas redes técnicas que se estabelecem no espaço, cujo adensamento ou rarefação da trama reticular passa a ser uma referência à seleção espacial asseverada pela empresa multilocalizada. Nessa óptica, as técnicas reticulares do atual período, sobretudo no que tange às possibilidades do trato simultâneo dos fluxos de capitais, de informações e do comando a cargo da simultaneidade das telecomunicações, permitem às empresas a interconexão de localizações geográficas, cuja rede que une pontos e nós é animada por um sistema de ações que caracteriza as demandas particularistas das práticas de reprodução de capitais orquestradas pela corporação por amplo espaço.

Ante essa realidade, Silva (1997) atesta a ocorrência, no âmbito da difusão espacial de uma corporação financeira, da busca de *zonas de oportunidade*, cujo foco do planejamento locacional da empresa versa sobre as melhores áreas para a implantação de filiais e dos seus serviços. Desse modo, a densa capilaridade da rede credenciada e a implantação de sucursais nas principais cidades da rede urbana paulista certificam a busca da Valecard na instalação de suas atividades sobre o mais concorrido e denso mercado econômico do país. Não obstante, segundo Corrêa (1991), a busca por áreas que melhor atendam às demandas da corporação multilocalizada parte do pressuposto da prática de *seletividade espacial*, em que a corporação “[...] decide sobre um determinado lugar segundo este apresenta atributos julgados de interesse por ela” (CORRÊA, 1991, p. 36).

**Figura 6.** Valecard: concentração da rede de estabelecimentos credenciados, 2013

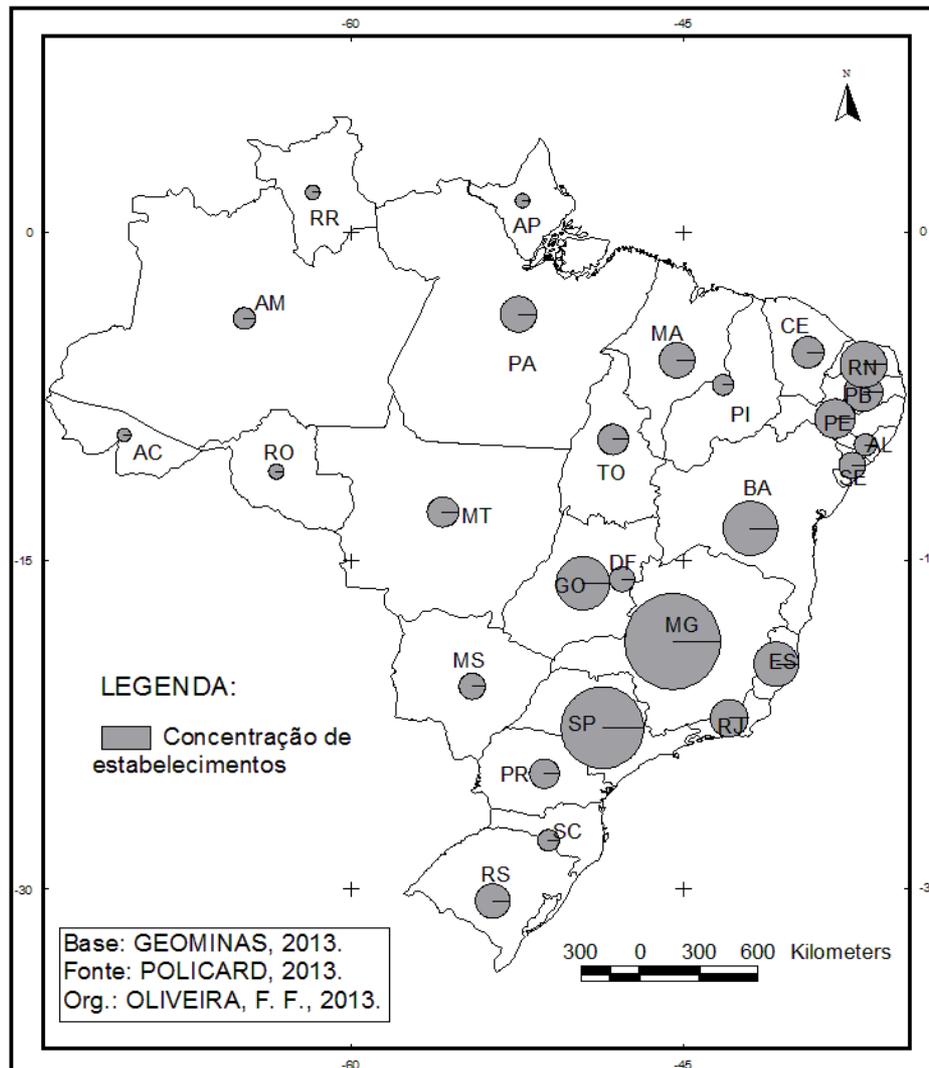


A disposição, tanto das infraestruturas reticulares quanto no que se refere ao peso econômico e populacional concentrado sobre São Paulo, configura a grande zona de oportunidade às atividades econômicas da Valecard. Logo, é possível convalidar a penetração da Valecard no mercado paulista, a partir do credenciamento aproximadamente, 25.000 estabelecimentos em todo o estado. Destacam-se, ainda, os estados de Minas Gerais, com 9.240 estabelecimentos; de Goiás, com 4.520; do Rio de Janeiro, com 4.200 e Bahia, com 3.065 estabelecimentos credenciados (FIGURA 6; VALECARD, 2013).

Ante a égide da difusão espacial pautada na busca por zonas de oportunidades, por mercados bem consolidados e munidos de relevante densidade dos meios técnicos necessários ao estabelecimento de uma corporação financeira, afirma-se para a Policard, a exemplo do que foi pontuado nas espacialidades da Valecard, uma relevante concentração de filiais no estado de São Paulo, que apresenta rede credenciada com aproximadamente 7.500 e Minas Gerais, com cerca de 10.000 estabelecimentos (FIGURA 7). Destacam-se, ainda, os estados da Bahia, com 3.113 e Goiás, com 3.000 estabelecimentos credenciados (POLICARD, 2013). Os

mencionados dados retratam os números oriundos do sítio da Policard para informações sobre sua rede credenciada, tratando-se, portanto, de informações oficiais e abertas ao público, cujos números foram espacializados no Mapa 6. Conforme pesquisa direta realizada na sede da empresa em 2013, a informação obtida versa sobre a existência de cerca de 70 mil fixos comerciais, que constituem a rede credenciada da Policard pelo território. Considera-se, portanto, que a rede credenciada da mencionada corporação é muito superior aos dados colhidos em seu sítio.

**Figura 7.** Policard: concentração da rede de estabelecimentos credenciados, 2013

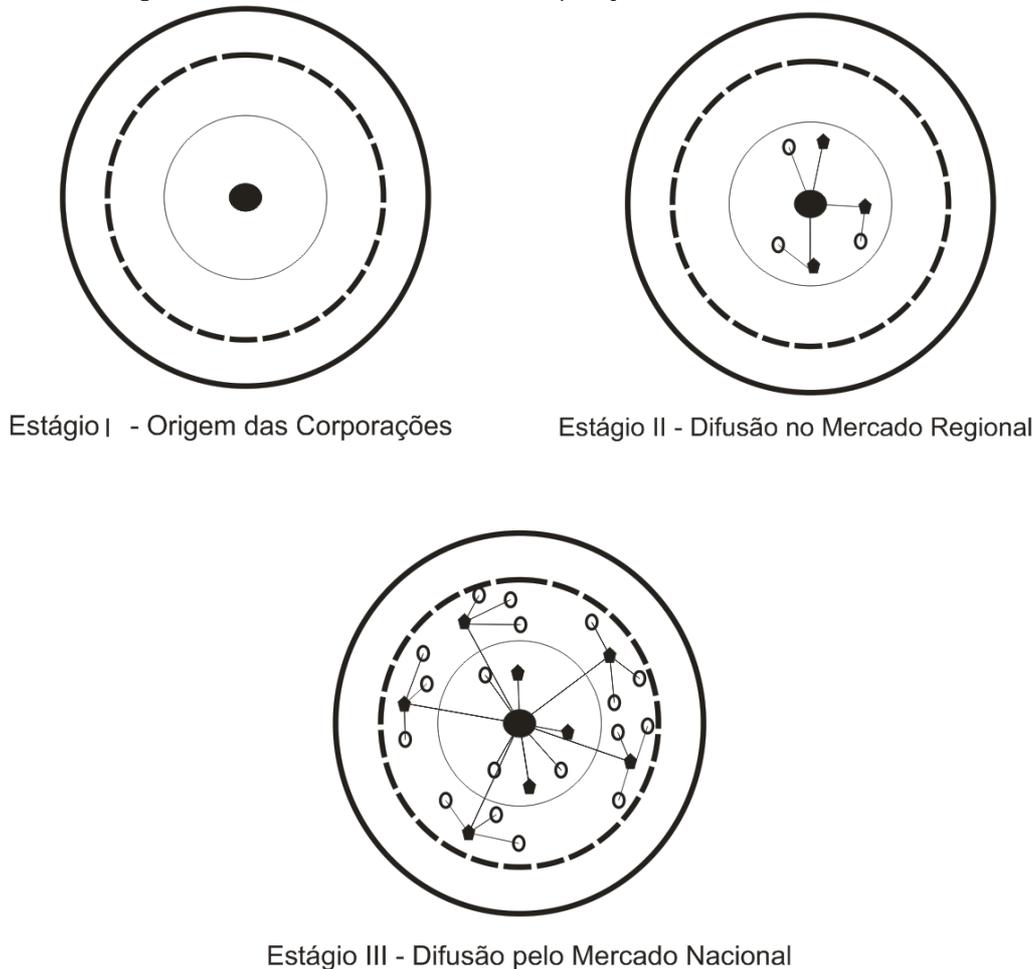


Na intersecção das horizontalidades e verticalidades de uma corporação multilocalizada a partir de seu estabelecimento e de sua consolidação, junto ao mercado imediato e a posterior expansão vertical das áreas de atuação, destaca-se o padrão de crescimento de uma corporação postulado por Hakanson (1979) (FIGURA 8). Por meio das redes que possibilitam a penetração da empresa em espaços longínquos, possuindo como substrato as bases lançadas em seu espaço imediato, percebe-se o processo de difusão espacial que obedece a uma lógica hierárquica de seleção e de ligação entre lugares que se vinculam ao centro do comando da corporação a partir da instituição de uma trama reticular e da complexa expansão histórico espacial das atividades da empresa.

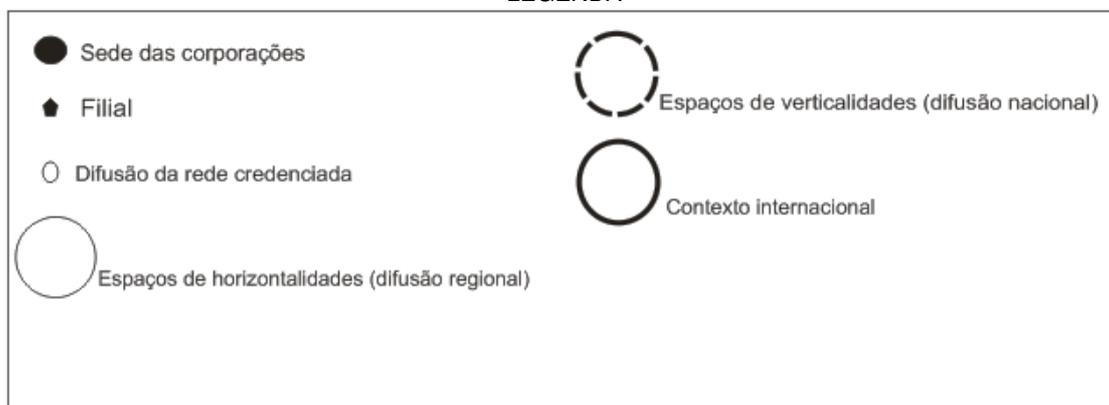
Nessa óptica, é possível reconhecer, com base na proposta de Hakanson (1979), um padrão para a espacialização das atividades das corporações Policard e Valecard, que obedecem à busca de novos mercados mediante o estabelecimento de escritórios regionais que operem de modo diferenciado obedecendo à diversidade regional verificada no território nacional. A base

da alavancagem vertical instaura-se nos espaços de horizontalidades, que configuram a área *core* do processo de evolução da corporação multilocalizada e que correspondem Estágio I da evolução de suas espacialidades. Para Policard e Valecard, esse espaço corresponde ao diversificado mercado uberlandense, que, pela sua relevância, proporcionou as condições necessárias à consolidação das atividades financeiras geridas pelas mencionadas administradoras de cartões eletrônicos.

**Figura 8.** Modelo de crescimento das corporações Policard e Valecard, 2013



LEGENDA



**Fonte:** Adaptado de Hakanson (1979). **Org.:** OLIVEIRA, 2013.

O Estágio II do modelo de crescimento supracitado corresponde à penetração nos mercados regionais, que, associados ao mercado sede das corporações Valecard e Policard, corresponderam, ante ao processo histórico de expansão territorial, à *core* área de suas

atividades, o ponto inicial da consolidação de suas verticalidades e da instalação dos primeiros escritórios regionais. Destacam-se, portanto, as cidades próximas à sede que comportam escritórios das mencionadas corporações, como Araxá, Uberaba e Patos de Minas para Valecard e, para a Policard, a relevante atividade de credenciamento verificada nos centros próximos a Uberlândia-MG.

O Estágio III da proposta de Hakanson corresponde à constituição das verticalidades de Policard e Valecard, pela difusão de suas atividades pelo mercado nacional. Nesse contexto, destaca-se a instalação de escritórios em diferentes contextos regionais, fruto da necessidade da corporação planejar de forma eficaz a exploração em áreas longínquas e com traços econômicos peculiares. Conforme já registrado, os escritórios regionais mantidos pelas referidas corporações pelo país representam esse estágio de suas atividades, marcado pela inserção em espaços descontínuos, mas interligados, por meio das redes técnicas, ao ordenamento centralizado na sede.

Conforme exposto por Silva (1997), essa expansão vertical dos espaços de atuação da corporação multilocalizada é acompanhada pela multifuncionalização de suas atividades. Nesse contexto, a expansão do leque de possibilidades dos serviços financeiros prestados por Policard e Valecard confirma a difusão espacial vinculada à agregação de novas possibilidades. Como a Policard e a Valecard não constituem corporações multinacionais, os Estágios IV e V da análise de Hakanson (1979) não correspondem às alternativas no entendimento de suas espacialidades concentradas nos limites do território nacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante a lógica das associações erigidas pelas empresas Valecard e Policard, a partir dos nexos estabelecidos entre as empresas parceiras e os fixos comerciais do setor terciário, é possível atestar a ocorrência, nessas áreas de maior densidade da rede credenciada, de um expressivo adensamento de empresas públicas e privadas que firmam parceria com as referidas corporações financeiras. Essa ordem asseverada pela articulação de uma rede de estabelecimentos comerciais, que busca a inserção de vários lugares sobre a lógica particularista dessas corporações que se organizam em rede não prescinde, no equipamento do território, das modernas técnicas reticulares que operam a fluidez espacial característica do atual período histórico. Trata-se, em maior escala, da constituição de uma rede urbana articulada pela instantaneidade das telecomunicações que, em última análise, representam um imperativo à integração econômica das regiões do país pautada no dinamismo dos fluxos financeiros, em que a expansão das corporações Policard e Valecard vale-se de tal imperativo na integração nacional por meio das finanças e, nessa condição, pela constituição dos seus espaços de atuação.

Ao cumprimento de suas verticalidades, destaca-se o precedente embasamento de um espaço que corresponde às suas horizontalidades, que se encontram fundamentadas no mercado local da cidade de Uberlândia. O desenvolvimento econômico verificado no mencionado centro urbano, sobretudo a partir da década de 1970, caracterizado pela diversificação produtiva nos setores agropecuário, industrial, da ampliação das atividades comerciais e da prestação de serviços constituiu fator indispensável ao estabelecimento das referidas administradoras de cartões eletrônicos de pagamento.

As transformações econômicas observadas em Uberlândia constituíram fator determinante à consolidação das corporações Policard e Valecard, na medida em que o ampliado mercado uberlandense representou o substrato às primeiras associações com empresas parceiras e ao credenciamento dos primeiros estabelecimentos comerciais aptos a capturar as transações financeiras realizadas a partir dos cartões eletrônicos de pagamento. Nessa condição, as referidas corporações financeiras se beneficiaram do dinamismo econômico verificado em Uberlândia ante a constituição, junto aos atores econômicos sediados neste centro urbano, da base para sua expansão vertical.

No sentido de evidenciar a construção das espacialidades das referidas corporações financeiras, buscou-se tornar as suas práticas compreensíveis, abordando as suas horizontalidades e verticalidades, a sua estruturação em forma de rede que aprofundam, notadamente, as interações espaciais e propiciaram o processo de difusão de suas atividades pelo território brasileiro. Por meio das múltiplas associações orquestradas por corporações financeiras, surgem diversas práticas e caminhos cuja perspectiva espacial é inerente, tais

como a difusão de filiais, a busca por novos mercados, fusões, múltiplas associações com comércio e serviços, dentre outras, práticas que buscam dar suporte à massificação do consumo. Nessa condição, a expansão da corporação financeira acompanhará os movimentos do capital no seu processo de conformação de áreas de dinamismo econômico, ou seja, o conjunto de espaços e lugares selecionados por abrigarem os elementos que propiciem melhor desempenho à acumulação de capitais, um processo que, em última análise, representa uma verdadeira financeirização/creditização do território.

Assim, a corporação financeira em vias de multilocalização das suas atividades, tal como Policard e Valecard, buscará ampliar seu espaço de atuação levando em consideração o grau de competência dos lugares na inserção de suas atividades econômicas. Trata-se de uma racionalidade espacial perfeitamente orientada por princípios hierárquicos concernentes à difusão espacial da empresa e aos mecanismos de gestão elencados. Logo, no que tange à sua geograficidade, a corporação financeira, desde aquelas de atuação regional, ou mesmo os grandes bancos nacionais ou globais acompanham, no seu processo de dispersão espacial, os dinamismos econômicos latentes no território nacional, sejam estes industriais, agrícolas ou relacionados à atividade comercial e de prestação de serviços.

## REFERÊNCIAS

- BESSA, Kelly. **A dinâmica da rede urbana no Triângulo Mineiro**: convergências e divergências entre Uberaba e Uberlândia. Uberlândia: [s.n.], 2007. 348p.
- CONTEL, Fábio. **Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil**. Caderno CRH, Salvador, v. 22, n. 55, p. 119-134, 2009.
- CORRÊA, Roberto L. Corporação e organização espacial: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.53, n.3, p.33-66, jul./set.1991.
- \_\_\_\_\_. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.279-318.
- HAKANSON, Hars. Towards a theory of location and corporate growth. In: HAMILTON, F. E. I.; LINGE, G. J. R. (Org.). **Spatial analysis, industry and the industrial environment**. Chichester: John Wiley and Sons, 1979. p.115-138.
- OLIVEIRA, Fernando F. de. **Dinâmica espacial da intermediação financeira: a difusão reticular das corporações Policard e Valecard**. 2013. 203f. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2013.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.
- \_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 174 p.
- \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2012.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 15 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 475 p.
- SILVA, Carlos A. F. da. **Dinâmica espacial do capital bancário - difusão, integração e crise: estudo de caso do Banco Nacional S.A.** 1997. 204 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1997.
- \_\_\_\_\_. **Grupo André Maggi: corporação e rede em áreas de fronteira**. Cuiabá: Entrelinhas, 2003. 222p.
- POLICARD. Disponível em: <<http://www.policard.com.br/>>. Acesso em: 2013.
- VALECARD. **Portal de compras e serviços**. Disponível em: <<https://www.valecard.com.br/portal/web/guest;jsessionid=CA3F037BF856B843F8AF65493BA9CCFF.app1>>. Acesso em: 2013.